



RESOLUÇÃO N.º 360, DE 8 DE AGOSTO DE 1966
Autoriza a mesa da Câmara a outorgar pergami-
nhos aos racialistas Renato Côte Real e
Airton Rodrigues.

A MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS FAZ PUBLICAR A SEGUINTE RESOLUÇÃO:

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS RESOLVE:

Artigo 1.º — Fica a Mesa da Câmara Municipal autorizada a outorgar em sessão solene, aos racialistas Renato Côte Real e Airton Rodrigues, pergaminhos que testemunhem o público agradecimento de Campinas aos ilustres contemporâneos, pela divulgação que vêm dando através da televisão, ao nome de nossa terra.

Artigo 2.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Campinas, aos 8 de agosto de 1966.

DR. ROMEU SANTINI — Presidente

JOSE ANTONIO REZZE — 1.º Secretário

JULIO DA SILVA BATISTA — 2.º Secretário.

Publicada na Secretaria da Câmara Municipal de Campinas, aos 8 de agosto de 1966.

DR. ROQUE MARCO GATTI — Secretário Geral.



DECRETO N.º 7146 DE 12 DE MAIO DE 1982.

DENOMINA-SE "RENATO GOMIDE CORTE REAL" UMA PRAÇA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que Renato Gomide Corte Real recentemente falecido, era campineiro de arraigado amor à sua terra;

CONSIDERANDO que ele foi, no Rádio e na Televisão do nosso estado, um espírito de humorista dos mais finos do nosso país.

CONSIDERANDO que, na sua função de artista que tanto agradava o público brasileiro, procurou ele, em todos os lances de sua carreira, projetar o nome de Campinas, no consenso geral do Município, do Estado e da União;

CONSIDERANDO que a sua atividade profissional foi, toda ela, norteada no bom sentido, com o propósito de somar e nunca dividir;

CONSIDERANDO que Campinas perde nele um de seus filhos queridos e um de seus comunicadores mais notáveis,

DECRETA:

ARTIGO 1º.- Fica denominado "PRAÇA RENATO GOMIDE CORTE REAL" a Praça da Vila Miguel Vicente Cury, situada entre as Ruas dos Jivaros, dos Uananas, dos Potiguaras e dos Tamoios.

ARTIGO 2º.- Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 12 de maio de 1982.

DR. FRANCISCO AMARAL

Prefeito Municipal

Redigido e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

ARY PEDRAZOLI

Diretor do Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito



POUCOS ARTISTAS NO ADEUS A CORTE REAL

CAMPINAS (FT) — Cerca de duas mil pessoas — entre familiares e amigos, mas muito poucos artistas — foram ontem pela manhã ao Cemitério da Saudade, em Campinas, levar o último adeus ao humorista Renato Corte Real. Seu corpo foi velado desde a tarde de domingo, quando faleceu no hospital Beneficência Portuguesa, no necrotério municipal, ao lado daquele cemitério, e transportado até o túmulo simples da família, na quadra 24, pelos parentes mais próximos.

Renato Gomide Corte Real faleceu aos 57 anos, vítima de câncer no fígado e no pâncreas. Era natural de Campinas — “de um campineirismo extremo”, conforme lembrou o velho amigo e hoje prefeito da cidade, Francisco Amaral, nos últimos três meses passou por cinco hospitais e sofreu duas intervenções cirúrgicas. O filho Ricardo, pintor, e que herdou as características físicas do pai, disse que ele sofreu muito nos últimos oito dias.

Seu último contato com o pai foi na tarde de sábado. “Ele estava sofrendo, mas completamente lúcido, manifestando sua fé em Deus”. Ricardo disse que ele pressentiu sua própria morte, e exclamava, em voz baixa: “Meu Deus, meu Deus, o que está acontecendo?”

Renato Corte Real estava aposentado, mas mantinha um contrato até o próximo mês de junho com a TVS, para apresentação de quadros semanais. Sua primeira internação foi na própria Beneficência Portuguesa, onde faleceu. Ali sofreu a primeira cirurgia, para a constatação do tumor que o consumiu. Foi transferido em seguida para o Centro Médico de Campinas, e de lá seguiu para São Paulo, permanecendo internado no hospital Alberto Einstein.

Nesse tempo, o tumor passou a obstruir as vias biliares, resultando na segunda cirurgia, sofrida já em Campinas. “O tumor cresceu excessivamente” — explicou o filho Ricardo. Renato Corte Real Jr. quase não conseguia falar, parecia mesmo não crer na morte do pai. Entre os abraços solidários de amigos, ele simplesmente sorria e fazia um gesto de incredulidade.



“Satiricom”, Globo, 1976

Humor inteligente

Dentre os raros artistas presentes ao seu sepultamento estava o cantor Agnaldo Rayol, que com ele dividiu, no final da década de 60, o programa Corte Rayol Show, na TV Record. Agnaldo lembrou que o programa marcou época na TV, e que foi quase que integralmente montado pelo humorista. “Era um homem exemplar e um chefe de família dos raros. E para mim, o que marcou mais nessa convivência de quatro anos, no terreno artístico, foi a sua alegria, sempre presente fosse qual fosse o momento”.

“O Renato era um homem que sempre tinha uma palavra de humor e de incentivo. Difícilmente ficava triste, embora às vezes desabafasse suas mágoas. Coisa rápida. Não era de ficar comentando muitos seus dissabores” — disse Rayol.

Entre as opiniões dos amigos, o filho Ricardo lembrou que seu pai não era humorista apenas no palco: “Era um homem, sobretudo, bem-humorado, que tratava aos filhos como seus amigos; acho que é isso: ele foi um grande companheiro. E nós o perdemos. Não sem antes aprendermos grandes lições, que eu não

saberia enumerar, porque foram inúmeras.

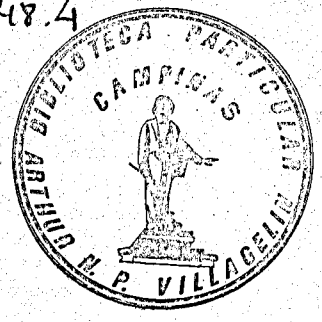
O deputado federal Giola Junior — primo de Renato — disse que “a sua vida sempre foi uma lição de otimismo e de fé. Um homem que sabia fazer humor. Um humor fino e inteligente, sem a necessidade de apelar para o aspecto degradante, para fazer rir”.

Uma de suas últimas palavras no hospital, dita ao deputado, foi a de que aceitei o sofrimento porque com ele tenho um meio de purificar meu corpo. Deus submeteu-me a essa dor para que eu fosse purificado”.

Ao lado, o prefeito Francisco Amaral lembrou, as manhãs da infância, quando brincavam no bosque dos jequitibás: “desde aquele tempo o Renato manifestava uma grande comunicatividade. Com o tempo transformou-se num humorista de quilate, que todos os brasileiros aprenderam a amar e respeitar. Por isso, o humorismo nacional perdeu a sua mais expressiva figura e Campinas um dos seus mais fervorosos defensores” — disse Amaral, referindo-se ao tratamento que Renato Corte Real dava à sua cidade natal, chamando-a de “República ou Estados Unidos de Campinas”.

ANPVI 4148.4

PRAÇA RENATO GOMIDE CORTE REAL



CORTE REAL

Com ele, morreu também um pouco da história do humorismo na TV

De um dos principais astros da televisão, no setor humorístico, Renato Corte Real foi, lentamente, se afastando do palco e da TV. Um pouco por causa da doença, mas principalmente por falta do reconhecimento de diretores das emissoras, que preferiam sempre ter no ar, um humor mais elaborado. O humor de Renato não era nada disso: chegava bem perto do artesanal, passando através da comédia, um pouco de sua vida. Seu processo de criação era de todo o criador, ou, conforme ele disse numa entrevista em 1978, "com noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração. Na maior parte das vezes, em se tratando de criação, o processo é massacrante. Até 1968 eu escrevi absolutamente só os meus programas de humor, como Papai Sabe Nada e Corte Rayol Show (os dois na Record). Eu escrevia sozinho e era um parto doloroso".

A cada semana você tinha que ser engraçado a curto prazo e a televisão é uma máquina de incinerar idéias e esse processo foi realmente massacrante no sentido exato da palavra, a tal ponto que a minha cuca começou a fundir, começou a sair fumaça pela minha orelha e eu tive que entrar numa análise. Fiz análise de grupo durante anos; depois recebi meu chapéu de Napoleão no final.

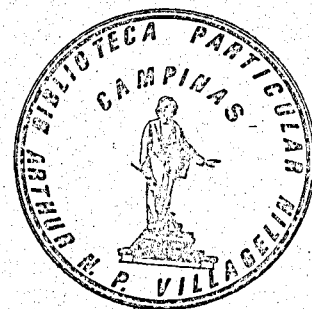
Foram vinte e cinco anos de humor na televisão. Sua carreira se confunde mesmo com a própria história da teve brasileira. Um humor seco que ele dizia ser resultante da forte influência britânica que tinha recebido em sua vida. Um humor direto, com absoluta ausência de duplo sentido, de grossuras. O humor para todos, crianças e adultos.

Mas se ele foi sucesso absoluto nos anos 60, não teve a mesma sorte na década de 70 e mesmo sem abandonar a TV, não conseguiu mais os mesmos êxitos do "Corte Rayol Show", que fazia ao lado de Agnaldo Rayol.

Na Globo, Renato trabalhou por quase oito anos. Lá, parou porque o modo de vida que estava levando era muito duro. "Eu jamais morei no Rio e minha vida estava dividida ao meio. Quatro dias no Rio, três em São Paulo".

Um quadro sempre lembrado dessa época é aquele do presidiário que a mulher burra ia visitá-lo na cadeia e na última hora contava os planos de fuga e o entregava tranquilamente ao guarda.

Depois desse tempo, começou a ficar irritado com a vida de cigano que levava, sempre com as malas nas costas e já sentia a vontade de ficar em São Paulo para poder voltar lo-



go para casa. Mas o motivo de sua saída da Globo não foi apenas esse. Renato contou numa entrevista em agosto de 78, que teve atritos com o diretor Paulo Araujo, que na época fazia o Planeta dos Homens.

"O negócio estava ficando barra pesada. Eu já estava com vontade de voltar para São Paulo, terminei meu contrato com a Globo e assinei com a Tupi por dois anos e fiquei inédito neste tempo, porque ela é um circuito fechado. Mas foi me triturando porque depois que você passa 8 anos na Globo, com todo aquele apoio, com o que há de melhor em termos de acabamento visual, de di-

reção e vai para a Tupi que não tem absolutamente nada, é o caos."

A volta ao palco

Em 1978, Renato já desentancado com a televisão, montou no teatro "Escreveu Não leu o Palco é Meu" que foi apresentado em estréia nacional, aqui em Campinas, em agosto daquele ano. Este espetáculo marcou sua estréia no palco. Sem cenário algum, ele fazia uma espécie de retrospectiva de sua vida, contando sua infância aqui em Campinas, lembrando dos amigos e especialmente fazendo uma análise do humor no Brasil.

A linha condutora do show era a revolta do humorista contra a concorrência desleal, desonesta que a categoria vinha sofrendo e que estava fazendo com que ele abandonasse a carreira. E de quem era essa concorrência?

— Os políticos principalmente, que estão muito mais engraçados do que a gente.

Se para alguns fazer humor significa não estar achando a mínima graça das coisas, para Renato, humor era humor mesmo. "Eu costumava dizer que o humorismo é a tragédia virada ao contrário. O que a gente caricatura são situações ridículas que só são engraçadas para quem testemunha".

Depois do encerramento da

temporada teatral, Renato comprou uma chácara nas proximidades de Campinas — ele nasceu aqui — e se retirou da vida artística, junto com dona Bizu, sua esposa ("a baixinha é a parte lúcida da minha personalidade"). Os dois filhos, Renato e Ricardo — que trabalharam com ele em Papai Sabe Nada — continuaram morando em São Paulo.

Mas aqui em Campinas ele não resistiu muito tempo longe da televisão. Assim, quando veio o convite da TV S, voltou imediatamente. Seu humor e a televisão tinham lados indissolúveis. E uma de suas preocupações era a continuidade do humorismo, que aos poucos estava sem novos valores.

É inconcebível que num país como o nosso, com mais de 100 milhões de habitantes não exista pelo menos 2 milhões de caras engraçadíssimos. Vamos ver o seguinte: que desses 2 milhões muitos são chamados e poucos são os escolhidos, para você ter uma idéia, o cacula é o Renato Aragão. Daí pra frente não apareceu ninguém, nem humoristas nem comediantes. Se isso não aconteceu, não tenha dúvida, a cultura foi para o beleléu.

A única explicação que Renato Corte Real tinha para a falta de novos valores no humor era a deteriorização do ensino. "Se não fosse o interesse particular do aluno que queria ser alguém na vida, no campo das letras, seja no humor, seja no romance, ele tem que ser praticamente um autodidata. Tem que se virar, ler muito, se enfronhar. Eu acho que essa é a grande crise, os grandes valores que eventualmente dispomos no setor, é na marra, por esforço próprio.

E dos áureos tempos da Record, até as 17h00 de domingo passado, Renato Corte Real, em toda sua lucidez, manteve seu bom humor intacto. Apesar das dores e angústia que estava sofrendo, causadas por um câncer no pâncreas. O espaço no humorismo continua aberto. Vai ser difícil preenche-lo.